

NARRATIVAS MULTIMODAIS COM COERÊNCIA E COESÃO

Cristiane Takahara (Colégio Jardim Eldorado)

Raphael Soares Menten (UEL)

RESUMO: O presente artigo é o resultado das atividades desenvolvidas no estágio curricular obrigatório, enquanto atividade de formação do curso de Licenciatura na disciplina de Letras Português vinculada à Universidade Estadual de Londrina. Tendo como foco relatar a experiência de ensino com a utilização de filmes em sala de aula, enquanto ferramenta metodológica para o desenvolvimento da leitura e possibilidade de diálogo com outras disciplinas pensando na interdisciplinaridade presente neste recurso e partindo da abordagem das narrativas multimodais buscando a coerência e coesão. As atividades foram realizadas com alunos da 9ª das séries finais do Ensino Fundamental, no Colégio Estadual Jardim Eldorado no município de Londrina. Trabalhamos o gênero filme visando sua potencialidade de propiciar condições aos alunos de desenvolver interpretações, que possam criar um senso de crítica e percepção/interpretação indo além da linguagem verbal. Utilizamos filmes sem diálogos (mudo) com intento provocativo, onde o aluno deve buscar os sentidos em leituras estéticas, como audição e visão, supostos diálogos ativando seus conhecimentos prévios para alcançar uma análise e desenvolver sua interpretação.

PALAVRAS-CHAVE: Coesão e coerência; multimodalidade; linguagem.

1. Introdução

Pensando que estamos nos tempos em que o visual tem grande vantagem sobre o texto, fica mais do que evidente a necessidade de extrapolar os recursos didáticos a fim de que possamos alcançar o aluno e assim dar um start na prática da leitura com algo que seja mais dinâmico e atraente, que ao mesmo tempo de abertura para que possamos partir para os campos da leitura mesmo que em uma segunda oportunidade, portanto visamos o desenvolvimento do aluno mediado por recursos outros que não o texto propriamente dito, mas que possuem possibilidades de serem trabalhados da mesma maneira.

A Base Nacional Comum Curricular, aprovada em dezembro de 2017, estabelece competências que orientam as decisões pedagógicas para o desenvolvimento de tais. As competências são indicações claras do que os alunos devem saber no que tange a constituição

do conhecimento, habilidades, atitudes e valores, além do que deve ser oportunizado, provocando e mobilizando o conhecimento, das habilidades das atitudes e dos valores para resolver demandas das complexidades da vida cotidiana. As decisões pedagógicas devem priorizar, portanto, com seguridade as aprendizagens essenciais definidas na BNCC.

Assim sendo, saber lidar com discernimento, responsabilidade, autonomia e proatividade com a informação é mais que um acúmulo de conceitos sendo, portanto, necessário conhecer elementos que compõem uma narrativa coesa e coerente em sua multimodalidade, haja vista que, sua interpretação bem como em sua produção dependem de alfabetismo.

2. Elementos de uma narrativa com coesão e coerência

A priori é necessário estabelecer um breve panorama sobre coesão e coerência textual, com a intenção de contextualizar e facilitar para o aluno a sua prática na interpretação de textos, estabelecendo assim um caminho, para então podermos adentrar ao campo da linguagem visual e aplicar os conceitos de coesão e coerência relacionados prioritariamente a linguagem verbal para então trabalhar com a linguagem não verbal. No que diz respeito à coesão e coerência textual, o presente escrito embasa-se, principalmente nos estudos Leonor Lopes Fávero, que propõem rever alguns conceitos e tratamento dos termos mencionados.

Em relação à coesão coloca que quando “... manifestada no nível microtextual, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, as palavras que ouvimos ou vemos, estão ligados entre si dentro de uma sequência.” (FÁVERO, p. 9). Assim, de modo geral, entende-se por coesão textual a maneira com o qual elementos da língua estão ligados no campo textual, com a intenção de que ocorra a manutenção de seu sentido, a coesão garante que um texto não tenha palavras sem sentido ou mesmo com termos repetitivos.

Enquanto coerência para a autora se desenvolve da seguinte forma:

A coerência, por sua vez, manifestada em grande parte macrotextualmente, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, os conceitos e as relações subjacentes ao texto de superfície, se unem numa configuração, de maneira reciprocamente acessível e relevante. Assim a coerência é o resultado de processos cognitivos operantes entre os usuários e não mero traço dos textos. (FÁVERO, p. 10)

Desse modo, fica claro que a coerência está ligada a uma lógica das ideias, argumentações presentes no texto que estabelece a manutenção do assunto e a garantia do sentido textual, deixando claro a exploração do tema trabalhando.

Enquanto fenômeno que estabelece a construção de um texto, cabe colocar que entre coesão e coerência existem distinções que sua explicação se faz necessária, como colocado por Leonor Lopes Fávero o fato de haver coesão entre enunciados distintos não implica na construção de um texto, ou seja, mesma que haja um sequencia de itens lexicais não será o suficiente para instaurar coerência de enunciados distintos, logo a construção de um texto, para exemplificar a autora nos traz os seguintes exemplos:

Meu filho não estuda nesta Universidade.
Ele não sabe que a primeira Universidade do mundo românico foi a de Bolonha.
Esta Universidade possui imensos viveiros de plantas.
A Universidade possui um laboratório de línguas. (FÁVERO, p. 11)

No exemplo colocado o item lexical “universidade” deveria estabelecer uma ligação entre os enunciados, porem percebe-se a ineficácia em instaurar a coerência entre as quatro frases prejudicando a relação necessária para obtenção de um texto.

Essa característica se diferencia quando tratamos da coerência, pois há a possibilidade de “... haver textos destituídos de coesão, mas cuja textualidade se dá ao nível da coerência.” (FÁVERO, p. 11), para esclarecer fazemos uso mais uma vez dos exemplos explorados pela autora:

Luiz Paulo estuda na Cultura Inglesa.
Fernanda vai todas as tardes ao laboratório de física do colégio.
Mariana fez 75 pontos na FUVEST.
Todos os meus filhos são estudiosos. (FÁVERO, p. 11)

Neste caso a autora coloca que podemos chegar a três conclusões: 1ª retomar elementos não é suficiente para constituir relações entre enunciados, 2ª Não se pode buscar coerência na sucessão de linear de enunciados, antes se deve buscar na ordem hierárquica, 3ª coerência é dependente do contexto no qual o texto é produzido, ou seja, deve se considerar elementos como escritor/locutor, leitor/alocutário, lugar e tempo do discurso.

Para aplicação do conteúdo proposto escolhemos entre os três tipos de classificações da coesão colocados pela autora; a referencial, a recorrencial e a sequencial. Para nosso trabalho nos dedicamos à coerência referencial e sequencial onde segundo Fávero a ultima entende-se como:

Os mecanismos de coesão sequencial *strictu sensu* (porque toda coesão é, num certo sentido, sequencial) são os que têm por função, da mesma forma que os de recorrência, fazer progredir o texto, fazer caminhar o fluxo informacional. Diferem dos de recorrência, por não haver neles retomada de itens, sentenças ou estruturas. (FÁVERO, p. 33)

Essa coesão sequencial pode ocorrer de forma temporal tratada como indicativo onde só é possível quando a sequencia dos enunciados estejam ligadas a localização temporal e a ordenação relativa, ou por conexão onde todos os enunciados estão relacionados em uma relação de subordinação em que a compreensão se dá com a ajuda da ligação entre si.

Já em relação à coesão referencial que a explica como aquela que “... constitui um primeiro grau de abstração: o leitor/alocutário relaciona determinado signo a um objeto tal como ele o percebe dentro da cultura em que vive.” (FÁVERO, p. 18).

Até aqui nosso trabalho está voltado para os processos linguísticos na interpretação e produção de textos literários para produção de uma narrativa, mas se observarmos bem se pode compreender que os processos aqui explanados também possuem grande capacidade de interpretação de sequencias de imagens que ao seguir uma ordem, podem ter a mesma característica do texto, pois assim como na linguagem verbal a não verbal também carece de elementos que obedeçam a uma sequência que tenha coesão e coerência.

3. Narrativa coerente, coesa e multimodal

Considerando que em teoria a educação básica brasileira está pautada na perspectiva de que o texto é o principal elemento da aula de língua portuguesa, e ao adentrar em sala de aula notamos que em alguns casos o professor se limita ao ensino de gramática, redação e literatura enquanto linguagem verbal, mas não explora outros tipos de linguagens que poderiam contribuir e enriquecer a aula, afim de que possamos atender a nossa proposta buscamos extrapolar esse formato de ensino e partimos em busca de uma linguagem que atendesse a demanda proposta pela BNCC, mas que também não se distanciasse da tratativa recorrente no ensino a fim de evitar situações constrangedoras.

Logo, se pensarmos nas características da Linguística Textual enquanto aparelho analítico, percebemos que nos estudos atuais o texto é visto como algo dinâmico, multifacetado, com características discursivas e sócio cognitivas. Pensando por este viés chegamos ao entendimento que e em toda essa versatilidade presente no texto, sua

constituição deixa abertura para elementos visuais, ou seja, assim como a linguagem verbal, a não verbal também tem a potencialidade enquanto construtora de sentidos, podendo ser vista como um texto.

A essa versatilidade presente no texto atribuímos a característica multimodal, pois tem em sua estrutura duas ou mais modalidades de formas linguísticas, sendo as que iremos utilizar a linguagem verbal e a não verbal, essa propriedade permite que haja uma interação e submersão mais abrangente por parte do leitor. Entendendo a linguagem como uma produção verbal coletiva e social que transmite uma mensagem estabelecida que produz um efeito de coerência sobre o destinatário, quando apoiada por uma linguagem não verbal, ou seja, a imagem, os símbolos, os sinais, os desenhos, os sons e etc., que contribuem grandemente para uma maior compreensão do texto.

Ainda podemos afirmar que toda a estrutura pertinente a um texto, bem como sua formatação, composição de elementos gráficos em conjunto com imagens contribuem para a compreensão do texto e o torna mais palatável, desta maneira quando temos contato com um texto explicativo que possui tanto elementos textuais verbais quanto elementos visuais ou sonoros, estes podem disparar uma série de estímulos sensoriais, que conduzem a prática da literatura multimodal.

As linguagens são dinâmicas e orgânicas resultando, portanto de determinações sócio comunicativas desenvolvidas em suas práticas, o que não significa dizer que tais práticas estão fora do âmbito científico acadêmico. Pelo contrário, elas devem ser abordadas de forma científica e em ambiente escolar. As adaptações à multimodalidade devem ser auxiliadas pela escola para o desenvolvimento de conceitos e competências que propiciem o domínio discursivo discente. A tecnologia e os recursos tecnológicos, bem como seu uso, ampliam as linguagens verbais, visuais e sonoras, sobretudo neste último século com as novas mídias. A multimodalidade seria desta maneira necessária para que o aluno se reconhecesse como pertencente ao contexto sócio-histórico-cultural de forma autônoma. O autogoverno, a autossuficiência são parte das principais preocupações para o desenvolvimento pessoal sendo um direito de aprendizagem e desenvolvimento.

A multimodalidade seria conseqüentemente uma forma de expressão de produção de sentido. Desta maneira, o processo de letramento multimodal aplicado nesta experiência de estágio e a apropriação de conceitos de coerência e coesão como ferramenta possibilitam a interpretação e o protagonismo discente num processo histórico cultural que congrega múltiplas linguagens mobilizadas por estésias como cor, som, imagens para além das

palavras. “No início deste século, os estudos em Linguística Textual, de perspectiva sociocognitiva e interacional, têm voltado a sua atenção para os textos não exclusivamente verbais.” (CAPISTRANO, p. 285, 2017).

4. Aplicabilidade do conteúdo

A BNCC integra a política nacional da Educação Básica alinhando ações com caráter normativo definindo, desta forma, aprendizagens consideradas essenciais. Além dos princípios políticos, aborda também princípios éticos e estéticos visando, pois, uma educação integral, democrática e inclusiva, sendo assim, um instrumento fundamental na promoção da equidade. A BNCC reconhece que a educação afirma valores e estimula ações que contribuam para uma sociedade alinhada a AGENDA 2030 da ONU (BRASIL, 2017).

Reconhecendo a necessidade dos alunos e reiterando as aprendizagens essenciais, optou-se pela abordagem de uma narrativa multimodal coerente e coesa como conteúdo a ser abordado de acordo com os eixos Leitura, Produção de Texto e Análise Linguística /Semiótica.

Pensando em realizar uma aula onde atendesse as demandas da BNCC visamos um conteúdo que se voltasse principalmente no que é esperado com resultado e na construção das habilidades esperadas para as séries finais do Ensino Fundamental

(EF69LP18) Utilizar, na escrita/reescrita de textos argumentativos, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido entre parágrafos e enunciados do texto e operadores de conexão adequados aos tipos de argumento e à forma de composição de textos argumentativos, de maneira a garantir a coesão, a coerência e a progressão temática nesses textos (“primeiramente, mas, no entanto, em primeiro/segundo/terceiro lugar, finalmente, em conclusão” etc.). (BRASIL, p.143, 2017)

Para o início de aplicação do conteúdo proposto utilizamos uma aula com explicação e contextualização, exposta aqui anteriormente, sobre coesão e coerência considerando que os discentes já tenham um conhecimento prévio, pudemos aprofundar na conceituação dos elementos que formam o texto. Concluída essa etapa, partimos para a seguinte que foi projetar o curta de 5 minutos chamado “One Please” de 2014, dirigido por Jesse Burks.

Após a primeira exposição do curta foi realizada uma rápida discussão sobre os elementos visuais, sonoros e as relações de sentido, procurando identificar também a trama e o conflito através dos elementos estéticos. Os alunos foram mediados com o intuito de

identificar aspectos da coesão e coerência no curta apresentado. Como poderia ser feita uma relação entre texto e imagem? (no caso filme), O fato do curta escolhido não ter elementos verbais deu uma grande margem para trabalhar outras linguagens, ou seja, sua interpretação tirou o espectador de sua zona de conforto, da passividade receptiva tradicional baseada em narrativas exclusivamente verbais, fazendo com que este faça uma série de perguntas que levam a várias análises e conclusões a partir de leituras não verbais.

Para que se tornasse viável a análise em conjunto, com os alunos, careceu da retomada de alguns conceitos já tratados, no caso da coesão sequencial que, como já exposto, tem como característica ocorrer de forma temporal onde, nesse caso só é possível por haver uma sequência de enunciados que se ligam a localização temporal e ordenação, se estabelecendo assim uma relação de subordinação entre os elementos apresentados.

Antes mesmo de apresentar as imagens, o curta utilizado apresenta o som pulsante ritmado que identificamos a seguir como uma mãe que está na bancada de sua cozinha cortando legumes e temperos, fora de seu campo de visão está o pai que é apresentado sentado em uma poltrona na sala enquanto lê o jornal. Em seguida, a cena passa para uma garota na rua pulando corda, com o mesmo elemento sonoro pulsante ritmado representado pelas batidas de seus pés ao pular. Então, se houve a música de um carro de sorvete, a menina deixa de brincar e corre para casa, na cena subsequente vemos a menina pedir insistentemente para sua mãe o necessário para comprar o sorvete, o dedo de sua mãe. A menina, sem remorso, corre para buscar seu sorvete. Percebe-se a presença de outra criança na casa. Presença confirmada quando aparece pós-créditos a segunda criança numa fila de crianças com dedos para comprarem sorvetes, a menina (que se supõe ser a irmã mais nova da anterior pelas vestes) com dois sorvetes em mãos encerra o curta.

Além da linguagem visual notamos que outro recurso que auxilia na construção de sentidos no curta, é a linguagem sonora a qual vai tecendo toda uma trama cena a cena, o próprio filme é muito enfático quanto a essa questão, os sons mais singelos são aumentados, como no caso da primeira cena onde uma das personagens está cortando legumes e temperos e o próprio som emitido pela faca faz referência ao relógio, ou ao tempo que é contínuo.

Dessa cena para as demais cada elemento vai se desenvolvendo por meio deste referencial, dando aqui já a margem que precisaríamos para estabelecer uma ponte entre a coesão e coerência existente em todo o curta. A narrativa do tempo pelo som da pulsação ritmada, hora da faca hora da criança pulando corda. A culminância de narrativa temporal se dá, sobretudo quando elencamos a imagem de uma personagem do fim do filme, a outra

criança (membro da mesma família) com o som que narra a passagem do tempo como um dos sentidos a serem analisados pelo expectador. No caso da imagem final, a narrativa passa de sonora à visual fazendo também menção à passagem do tempo o hábito que se perpetua e se agrava, pois agora são dois sorvetes, dois dedos cortados sem que, no entanto, a criança demonstre remorso algum, pelo contrário, demonstra prazer gustativo na apreciação dos sorvetes.

5. Conclusão

Homologada em 20 de dezembro de 2017, com implementação prevista para 2018, a BNCC busca suprir demandas prementes da Educação Básica afetando além do currículo desta, a formação básica e continuada docente, assim como as matrizes de referência de avaliações como Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) e Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), por exemplo. Durante a o curso de formação inicial docente, enquanto estagiário, percebe-se que várias práticas podem tornar-se possibilidades no processo de ensino e aprendizado.

Assim, na prática de estágio realizado com o 9º ano do Ensino fundamental II, foi possível, através da abordagem das narrativas multimodais com coerência e coesão, desenvolver um olhar crítico em relação à formação inicial docente e a prática que possibilitou a percepção da importância do papel da escola, enquanto saber sistematizado, na ampliação da capacidade de percepção, análise e produção textual discente multimodal. Percebe-se ainda que, ao final da atividade aplicada, houve a contemplação das competências legisladas e previstas na BNCC selecionadas durante o planejamento docente.

Ao final do processo proposto pudemos identificar que os alunos não só participaram de forma ativa, mas também compreenderam a proposta elencadas e mediadas pelo professor, conseguindo assim realizar uma análise do curta identificando elementos na narrativa que obedecem as características da coesão e coerência usando recursos de leitura multimodas ficando evidente a ampliação da capacidade de leitura verbal e não verbal pelos alunos que ao concluir as atividades passam a ler não só estímulos visuais sonoros e verbais propostos em ambiente escolar como o mundo que os rodeia com olhos científicos, analíticos reforçando, assim, a importância do conhecimento escolar sistematizado e científico na adequação e

sucesso de adversidades da vida real onde as dimensões intelectual, física, afetiva, ética, moral e simbólica se apresentam.

Logo entendemos que o uso de linguagens não verbais para ensino colabora de forma substancial para formação e prática de leituras que tradicionalmente ficam presas apenas ao campo textual verbal.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Proposta preliminar. Terceira versão revista.

Brasília: MEC, 2016. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao_revista.pdf. Acesso em: 23 mar. 2017.

CAPISTRANO JUNIOR, Rivaldo, LINS, Maria da Penha Pereira, CASOTTI, Janayna Bertollo Cozer. **Leitura, multimodalidade e ensino de língua portuguesa**. Vitória, ES, v. 7, n. 17, p. 285-302. 2017. Disponível em:

<http://periodicos.ufes.br/percursos/article/viewFile/18532/12555>. Acesso em 15/10/2018.

FÁVERO, L. L. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 1991.

KOCH, V. **A coesão textual**. 4. Ed.. São Paulo: Contexto, 1991.

ZULMIRA, Medeiros. **Gêneros, multimodalidade e letramentos**. Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p. 581-612, RBLA, 2014. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v14n3/a05v14n3.pdf>. Acesso em 15/10/2018.